



## Desatenção da Diretoria à Estrutura Física do IP Gera Penosas Conseqüências aos Seus Usuários

Guilherme (97)

**C**ertamente a maioria das pessoas que circula diariamente pelo IP já notou que existem alguns "probleminhas" estruturais, que nos acompanham há um bom tempo. Nós, que fazemos parte da diretoria do CA, talvez nos incomodemos ainda mais – por isso esse artigo tem um caráter de denúncia e até de indignação. Não que queiramos tirar nossa responsabilidade em tudo o que se refere a problemas concernentes à parte física, digamos, do instituto. Mas grande parcela não é resolvida não por falta de empenho da atual gestão. Explico já.

Primeiramente, requisitamos à diretoria um computador (deixamos claro que não precisava ser algo de última geração), para editarmos com um pouco mais de facilidade o *Boaz*, e um simples arquivo e pastas para organizarmos os documentos do CA, que não são poucos e andam vagando por aí. Foi-nos prometido, informalmente, que teríamos essas coisas em breve. Assim, enviamos, conforme pede a burocracia, ofícios ao CTA (Conselho Técnico e Administrativo) com essas requisições. Resumindo: nada apareceu. Pedimos novamente ao diretor em reunião com o mesmo, em 30 de março deste ano. Novas promessas surgiram e... adivinhem? O *Boca* continua dependendo de nossos computadores particulares e da sala pró-aluno, e nossos documentos continuam espalhados pelas casas, carros e salas do bloco B.

Saindo do que está diretamente ligado ao CA, a situação é ainda mais grave. Mandamos ofícios ao CTA, alguns uma segunda vez por falta de resposta, e não obtivemos nenhuma satisfação sequer. As principais requisições foram as seguintes: 1) braço mecânico para a porta de entrada do bloco B (tendo em vista um acidente que ocorreu com uma

pessoa que cortou a mão ao tentar segurar a porta que iria bater por causa do vento). Neste caso, o diretor e professor César Ades propôs, numa reunião com o CA, que fosse instalado um mecanismo para que a porta ficasse sempre aberta; 2) vidro para a porta da sala do CA (observem que até hoje há um precário papelão em seu lugar); 3) conserto da caixa de tomada da geladeira e do microondas, cujos fios encontram-se expostos. Tudo permanece igual até agora.

O quarto pedido merece destaque especial. Pedimos duas vezes para que fosse construída uma rampa, na entrada do bloco B, visando a facilitação da entrada de portadores de deficiência física (usuários de cadeiras de rodas ou de outros aparelhos), algo que consideramos ser bastante simples de se fazer. Nada de rampa. Cômico para aqueles que não dão por sua falta, não parece ser mesmo uma coisa muito urgente. No entanto, perguntem a essas pessoas o que é subir um degrau.

É importante salientar que enviamos um terceiro ofício ao CTA na sexta-feira, dia 27 de abril, com via protocolada e assinada, reconhecendo que o mesmo foi de fato entregue nesta data. Continuamos a esperar pela realização da obra (pequena fisicamente, mas imensamente útil e necessária).

Pensamos que o instituto não pode mais ficar sem essa rampa, é um descaso total e até mesmo preconceito contra os deficientes físicos (ironicamente temos ótimas aulas teóricas sobre o tema da deficiência, tão caro à Psicologia). É vergonhosa a atitude do IP, e será ainda mais vergonhoso à diretoria se não tivermos ao menos uma satisfação para algo tão simples de ser feito, e de caráter mais que emergencial. Aguardemos.

## O IP E SUAS DEFICIÊNCIAS

### NESTA EDIÇÃO:

**Educação e Sociedade:** Conheça a *Escola Nacional Florestan Fernandes*.

**Xerox da Val:** Novas mudanças.

**Cortiça:** Poesia nova na seção.

### COMISSÃO ORGANIZADORA

Guilherme Scandiucci (97)

Juliana Breschigliari (00)

Hideaki Fujinaga (99)

Nivaldo Freitas (97)

Tiago Novaes Lima (97)

### Para quem já assistiu à Rede Globo

Juliana (00)

Fui conhecer no sábado, dia 21 de abril, o espaço em que está sendo construída a Escola Nacional Florestan Fernandes, um lugar de formação política e pedagógica projetado e agora em fase de construção por membros do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra.

Impressões que me marcaram durante todo o dia da visita à Guararema, município vizinho à Jacareí, no interior de São Paulo, onde fica o terreno da futura Escola, convergem num sentido tão precioso que me trouxe a estender aqui o alcance dessa experiência.

Ao chegarmos lá - estudantes da Poli, da FAU, professores da USP e da PUC e profissionais da Psicologia e Sociologia -, fomos recebidos pelos arquitetos, engenheiros e membros do Movimento envolvidos na construção da Escola - difícil pensar, desde a chegada, o que foi mais impressionante.

Os arquitetos nos falaram sobre o resgate do Humanismo renascentista presente na concepção do espaço, a busca de um tempo em que o homem tinha valor e dignidade reconhecidos. No teto - alto, leve, em forma de pirâmide, todo de vidro - a perspectiva futura, a idéia de que o respeito dos homens a si mesmos seja o parâmetro para o mundo a ser construído.

Na engenharia, surgiram as técnicas que têm como prioridades indiscutíveis o aproveitamento e a preservação do meio ambiente e o bem-estar das pessoas. Nas paredes, pilares e lajes, tijolos feitos quase integralmente do solo do terreno, com o mínimo uso de materiais de construção, como cimento, e suficientemente fortes para agüentar todos os futuros alunos pulando ao mesmo tempo nas festas a serem realizadas na Escola. Para a música, a luz e a água quente, energias solar e eólica.

Na parte pedagógica, cursos de cooperativismo, militância, história do Movimento, vida de Florestan Fernandes e cursos de nível superior, como enfermagem e formação de educadores.<sup>1</sup> Os cursos serão direcionados a participantes de outros movimentos sociais organizados e membros do MST de qualquer estado, já que se trata de uma Escola Nacional.

Também porque nacional, a Escola foi pensada e construída por todo o Movimento. Assumindo como direito inalienável a participação, o projeto foi elaborado por representantes dos núcleos de cada estado - porta-vozes de deliberações resultantes de amplas discussões em

assembléias locais - em conjunto com os profissionais de arquitetura e engenharia durante cerca de dois anos. Agora, desde o início deste ano, grupos de 25 a 30 pessoas, por disponibilidade e disposição próprias, vêm dos estados, um a cada dois meses, participar da obra: são as chamadas "brigadas".

Já assentadas ou acampadas, as pessoas vêm para São Paulo, muitas delas jovens e muitas deixando parte da família no estado de origem. Nesse ponto, vale dizer que é possível trazer os filhos para a construção da Escola e que não há restrição quanto às mulheres, que podem fazer parte das brigadas como membros da equipe de construção. Para as crianças, há um espaço, chamado "Ciranda Infantil", numa casa no terreno da Escola em que educadores e educadoras do Movimento organizam atividades enquanto os pais trabalham. Entretanto, apesar de não haver restrições quanto às crianças e às mulheres, a maioria dos grupos é composta por homens e as mulheres que vêm a São Paulo acabam participando pouco da construção física da Escola.<sup>2</sup> Apesar disso, as mulheres que vêm não se tornam empregadas domésticas dos grupos de trabalho, já que há uma divisão equitativa de tarefas. Foi interessante problematizar essa questão, sobre qual seria o papel das mulheres na construção da Escola, o que fez com que produzíssemos uma reflexão conjunta sobre o tema. Uma das arquitetas responsáveis pelo projeto disse que, em pouco tempo, poderá se iniciar a atividade de decoração interna da Escola, dando a sugestão da construção de um mosaico, que poderia ser feita pelas mulheres. Foi levantado, então, que, no movimento de moradia urbano, em especial, nos mutirões, as mulheres muitas vezes são os membros da família que constroem as casas - no sentido físico do termo - e que os homens ficam por conta de levar os filhos à escola, cozinhar e demais atividades domésticas, ou seja, as mulheres não aceitam a dupla jornada, provocando uma inversão de papéis sociais.<sup>3</sup> Esse foi um momento muito especial do dia, pois houve um rico intercâmbio de experiências, que foi enriquecedor do Movimento, que nos contou que existe uma Comissão de

<sup>2</sup> Curioso que as atividades domésticas, como manter o banheiro limpo, lavar a louça das refeições e fazer a lavanderia, sejam divididas diárias e rotativamente entre quatro grupos, sendo que cada um deles assume uma dessas três tarefas e o quarto é responsável por organizar uma atividade ao final do dia de trabalho - a qual chamam de "mística" - que pode ser de descontração, reflexão ou o que for considerado apropriado pelo grupo.

<sup>3</sup> Essa participação das mulheres é uma realidade, por exemplo, no Mutirão Palmares, na Zona Oeste de São Paulo, no qual um grupo de integrantes do NAC (Núcleo de Ação pela Cidadania) trabalha.

<sup>1</sup> Há, atualmente, cerca de 30 militantes do MST estudando Medicina em Cuba gratuitamente.

Gênero – e não “de Mulheres” –, mista, nacional, que se propõe justamente a pensar o tema sobre a qual estávamos nos questionando e que se enriqueceria muito com o que havia sido colocado; e enriquecedor do Movimento Estudantil e dos profissionais lá presentes, que podem levar essa discussão e essa experiência no MST para outros espaços de intervenção e formação.

Carioca, participante da brigada do Rio de Janeiro, veio para a construção da Escola com um grupo anterior ao atual, que é a brigada do Paraná, e tornou-se um dos coordenadores da obra. Nas construções civis, em geral, há um mestre-de-obra, que é o engenheiro responsável pelo trabalho, quem toma as decisões. Na Escola Nacional, não há mestre-de-obra: as brigadas vêm e algumas das pessoas se apaixonam pelo trabalho e ficam – tomando-se coordenadoras –, sendo o elo entre um grupo e outro e propagando sua experiência e a memória de todo o processo.

“Eu cheguei aqui sem saber nada, mal tinha trabalhado como servente de pedreiro. Agora, aprendi a construir e mais muitas coisas que posso levar para o meu assentamento”, diz Carioca.

Carioca contou emocionado sobre uma das histórias que compõe esse aprendizado de que ele fala. Uma das primeiras atividades realizadas na obra foi a construção de um grande muro de pedras, que servirá para sustentar uma parte da Escola. No primeiro dia em que chegou a brigada, como de costume, fez-se uma festa, receberam-se as pessoas e discutiram-se objetivos e diretrizes para o cotidiano do grupo de trabalho – como horários, tarefas etc. No segundo dia, no momento de iniciar a construção do muro, todos reuniram-se e perguntaram-se: “quem sabe como se constrói um muro de arrimo – de sustentação – com pedras?”. Inicialmente, ninguém se manifestou. Então, como única alternativa, a arquiteta se propôs a contratar um profissional que pudesse ensiná-los. Surgiu, então, meio escondido no meio do grupo, um rapaz que disse saber como se construí o muro, que já havia tido experiência com aquilo. A brigada começou a trabalhar e as pessoas começaram a encontrar seu papel na atividade. “Teve um que ficou com a parte de encaixar uma pedra na outra, mas viu que o companheiro, que estava trazendo as pedras para perto dele, tinha mais jeito para aquilo e então resolveram trocar de tarefas”, disse Lilian, uma das arquitetas.

Carioca contou também, com palavras dele, de que não me lembro precisamente, que foi muito importante aprender que ele podia não saber alguma coisa, que isso não seria um problema, pois, como ilustrou com a história do muro, outro do grupo ou um dos profissionais poderia saber e ensiná-lo sem que ele se sentisse menos valioso por

isso e ele poderia ensinar mais alguém de sua comunidade depois, sem se sentir mais importante por isso. Essa colocação do participante traz pelo menos dois elementos interessantes: o espírito de cooperação, da troca de conhecimentos e do crescimento da esfera coletiva como prioridade; e a proposta de construção conjunta da Escola, que pressupõe não só uma postura democrática, como também oferece a possibilidade de que os militantes já assentados ou ainda acampados conheçam as técnicas de construção econômicas e ecológicas e levem para seus assentamentos.<sup>4</sup>

É desconcertante pensar que um grupo de trinta pessoas consiga projetar e construir democraticamente a Escola Nacional de um movimento social amplo como o MST, do planejamento do espaço físico à concepção pedagógica dos cursos, condicionando a velocidade da construção ao ritmo de aprendizado e apropriação dos objetivos do projeto pelos participantes<sup>5</sup>. O comprometimento real das pessoas, dado na vivência desse espaço de cooperação e busca de objetivos coletivos, é visto como um princípio que deve permeiar todo o trabalho e como condição indispensável para que ele aconteça.

Gostaria de ter mais dados numéricos sobre a Escola Nacional Florestan Fernandes<sup>6</sup>, como as dimensões do terreno ou quantas pessoas podem ser alojadas. Na falta deles, posso dizer apenas que não é bem uma Escola, mas mais um *campus*, com laboratórios de física, química, redação, música, lavanderia comunitária, espaços de convivência, piscina, horta, alojamentos, refeitório, cantina etc. Entretanto, à parte o surpreendimento provocado pela dimensão e riqueza instrumental física desse trabalho, acho que a dimensão filosófica, o potencial transformador desse processo e do espaço em que ele pretende resultar dão conta de colocar em dúvida ao menos alguns de nossos preconceitos.

Sem dúvida nenhuma, assumir como verdades os recortes de uma realidade leva à construção de um ponto de vista muito diferente do que o que resulta de encará-la de dentro dela mesma.

<sup>4</sup> Vale dizer que os participantes da brigada têm aulas teóricas diariamente, à noite, sobre conceitos e técnicas importantes para construção e temas de formação política, como os dos cursos – história do movimento, vida de Florestan Fernandes etc.

<sup>5</sup> A conclusão da obra está estimada para o final de 2003.

<sup>6</sup> Existe uma justificativa para a homenagem feita a Florestan Fernandes através do nome da Escola, mas faltam-me elementos para expô-la com fidelidade. O site do Instituto de Políticas Públicas Florestan Fernandes deve trazer mais informações ([www.institutoflorestan.org.br](http://www.institutoflorestan.org.br)).

### Xerox Agora é 7

Luis (99)

Como combinado, após um mês da confusa experiência de os alunos poderem optar entre 6 ou 8 centavos (com suas respectivas dificuldades e comodidades), houve nova conversa para ser decidido o preço em definitivo (ou até que a questão seja novamente levantada, provavelmente só na próxima gestão do CAII).

Após muita discussão entre aqueles que estavam presentes na reunião do CA cuja pauta continha o ponto "preço do xerox" (pauta que saiu no BOCA), decidiu-se por deixar tudo a 7 centavos, frente e verso ou não.

Já vou deixar claro que fui contrário a isso, então, me desculpem se o texto a seguir for imparcial (e será).

Os argumentos predominantes foram os seguintes: em primeiro lugar, a Val vinha se queixando muito do trabalho que dava pra fazer frente e verso. Desde antes de começar o esquema ela já se mostrou indisposta, prevendo as dificuldades, mas tolerante, afinal essa havia sido uma concessão para que não ficasse tudo a 6 centavos.

Mas aí vou ter que voltar um pouquinho na história... Havíamos combinado o novo preço a 6 centavos. No momento do acordo ser posto em prática, a Val pediu que o CA reavaliasse sua situação, argumentando que seria inviável, principalmente pelo preço do papel, que estava caro. Daí surgiu a idéia do frente e verso ser mais barato.

Bom, voltando: foi colocado o fato de que daqui a pouco ela terá que sair de licença, já que terá um bebê, e que

as pessoas que trabalham com ela não dariam conta jamais de segurar a onda. Aliás, eles já vinham trabalhando além do horário normal.

O outro argumento foi o de que 7 centavos beneficiaria todo mundo.

Acho que ambos são furados, principalmente o segundo. A trabalhadora não tenho como julgar, já que nunca trabalhei com xerox, mas o que vejo por aí (ECA, DCE, COSEAS) é o pessoal tirando xerox a 6 centavos, frente e verso, entregando no mesmo dia, e uma única cópia.

Mas não entendo nada de xerox. O mais grave mesmo, na minha opinião, é esquecer que, embora minoria, há muitos alunos que precisam do xerox mais barato mesmo e, visto que se forem depender da biblioteca ficarão na mão algumas vezes (ou porque o livro não sai, ou porque já saiu, ou porque o limite de três livros não foi o suficiente aquela semana,...), saem daqui pra ir na ECA fazer suas cópias, como se não tivéssemos um xerox dentro da sala do CA, espaço dos alunos. E isso ocorreu até durante o período de experiência, já que muitas vezes o xerox só ficava disponível na própria semana em que era para ser lido, ao contrário do que sempre foi.

Talvez tenha me estendido demais, desculpem. O recado está dado: xerox a 7 centavos no CAII, "para benefício de todos".

---

## AGENDA

**COREP:** Sábado e domingo, dias 12 e 13, das 09:00 às 17:00 h. No Sábado, no Mackenzie, será discutido o PROVÃO e no Domingo, no CRP, será discutido o EREP 2001.

**Oficinas de Cidadania do NAC** – terças-feiras, às 14h (exceto no dia 08).

**1ª reunião da VII Semana de Psicologia do IPUSP** – quarta-feira, dia 16 de maio, às 17h30, no CA.

**Ciclo de Cinema do CRP – filme: "Os Imperdoáveis" – Entre o bem e o mal** – sexta-feira, dia 11 de maio, às 19h, no auditório do CRP (R. Arruda Alvim, 89, Jd, América – tel: 30619494). Participação gratuita.

**SEMEXA II - Semana de extensão universitária - USP 2001** - de 14 a 18 de maio

Organizada a partir de iniciativas de estudantes, a II SEMEXA será constituída de debates sobre extensão universitária na Universidade de São Paulo. Busca prosseguir com a discussão pública e ampliada dos atuais projetos e aprofundar e amadurecer os temas acerca da extensão universitária. Neste ano, a proposta é a apresentação dos projetos existentes, seguida de mesas temáticas de debates.

A grande importância da extensão universitária vai muito além de fazer parte do tripé da universidade (ensino-pesquisa-extensão), pois permite, de modo mais direto, a democratização do conhecimento produzido na universidade, bem como um claro posicionamento político dos estudantes, não somente em relação aos problemas sociais brasileiros mas também por se constituir como uma possibilidade real de transformação. Todos os estudantes e interessados estão convidados.

## Programação

**Seg 14 maio** - 12h30 na FAU:

Apresentação de Projetos

- 18h na São Francisco:

**EXTENSÃO E SOCIEDADE:** assistencialismo (voluntarismo) X transformação

- Lisete Gomes Arelaro – FE-USP
- Witoldi Zmitrowicz - EPUSP
- Gegê – Central de Movimentos Populares
- Representante da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP-USP)
- Representante do Departamento Jurídico XI de Agosto

**Ter 15 maio** - 12h30 na FAU

Apresentação de Projetos

- 18h na FAU

**EXTENSÃO E UNIVERSIDADE:** A articulação do tripé universitário

- Sonia Kruppa – FEU-USP
- Henrique Lauriano Alfonsi - EPUSP
- Afonso Fleury – Fundação Varzolini

**Qua 16 maio** - 12h30 na FAU

Apresentação de Projetos

- 18h na FAU

**FINANCIAMENTO DE EXTENSÃO:** Autonomia dos projetos

- Nabil Bonduki – Vereador de São Paulo
- Andre Ricardo de Souza - Secretaria Extraordinária do Trabalho
- Antônio Marcos de Aguirra Massola - COP

**Qui 17 maio** - 12h30 na FAU

Apresentação de Projetos

- 18h na FAU

**ESTATUTO DA USP:** Caminhos para a institucionalização

- Reginaldo Ronconi - FAUUSP
- Dalmo Dalari – São Francisco USP (a confirmar)
- Adilson Avansi de Abreu - Pró Reitor cultura e Extensão
- Walter Piva Rodrigues – São Francisco USP

**Sex 18 maio** - 12h30 na FAU

Apresentação de Projetos

- 18h na FAU

**ENCERRAMENTO E HAPPY HOUR!**

**Comissão organizadora:** DCE Livre da USP, Escritório Piloto do Grêmio Politécnico, ITCP, Laboratório de Habitação do Grêmio da FAU, NAC - Núcleo de Ação pela Cidadania, Projeto Cidade de Areia, Grupo de Extensão das Arcadas, Projeto Piá, Projeto Trajetória, Cursinho do Grêmio Politécnico, Cursinho Psico-USP.

**Atividades do mandato do vereador Nabil Bonduki**

08 de maio, terça-feira, às 20h - Bares e moradores

Debate sobre a convivência entre moradores e as casas noturnas na região de Pinheiros, Vila Madalena e Vila Olímpia. Com a presença de associações de moradores e de proprietários de bares e casas noturnas. (R. Rodésia, 398, Vila Madalena - tel: 3814-3372)

09 de maio, quarta-feira, às 19h30 - Código de Obras

Encontro técnico entre representantes de entidades e órgãos públicos para discussão de diretrizes para revisão do Código de Obras do município de São Paulo. Essa revisão será efetivada por uma subcomissão específica constituída por parte da Comissão de Política Urbana da Câmara e presidida pelo vereador Nabil Bonduki. (Câmara Municipal de São Paulo - Viaduto Jacareí, 100 - Auditório Oscar Pedro Horta (anexo G) - 1º andar)

10 de maio, quinta-feira, das 9h às 14h - Comissão da Juventude

Evento de instalação oficial da Comissão Extraordinária Permanente da Juventude, presidida pelo vereador Nabil Bonduki. Apresentação de grupos de capoeira, hip hop, teatro, coral, percussão, kung-fu e outros. O objetivo da Comissão é criar

um canal aberto entre a Câmara e os jovens, incentivando debates e a participação de entidades relacionadas ao tema, e criar a integração do jovem cidadão à política municipal. (Câmara Municipal de São Paulo - Auditório Externo e Salão Nobre)

10 de maio, quinta-feira, às 19h, e 11 de maio, sexta-feira, às 9h30 - **Assistência Social**

Seminário sobre a política de Assistência Social no município, promovido em conjunto pelos gabinetes do Nabil e da vereadora Aldaíza Sposati (PT). (Câmara Municipal de São Paulo - Salão Nobre - 8º andar)

O telefone do gabinete do Nabil Bonduki é 3111-2530.

**XI ENCONTRO DA ABRAPSO - "Psicologia Social e transformação da realidade brasileira: desafios e perspectivas para a Abrapso 21 anos depois"** - em Florianópolis, de 14 a 17 de novembro de 2001. Mais informações no mural de eventos.

**Recado da Atlético:** Você que foi no Interpsico e quer expressar o que viu, sentiu, abstraiu, assimilou... mande seu texto para o BOCA. Você, que não foi, ou não pôde ir, confira o que aconteceu na próxima edição!!!

## CORTIÇA

Quartinho dos fundos	A fresta pela qual	a noite daqui	E a mim.
Tudo parece confortável (ao menos de longe).	posso deixar meu olhar te tocar	me impediria de acha-los,	Quando estiver lá,
Mesa posta	é pequena demais...	abrir a porta.	sentarei à cadeira de balanço
vinho, champagne...	Quem é este	Mesmo em uma sala de espelhos	e beberei sua taça...
A taça, delicadamente, toca seus lábios, umedece a boca e, um pouco, desliza por sua pele acariciando o início de seu queixo.	entre eu e você?	não conseguiria me ver.	para reaver minhas forças, meu sono.
Chama meus olhos, a beleza do vestido que, tal um lençol acetinado, apenas rela-lhe o corpo nos insinuantes pontos de maior curvatura.	Em meu quarto escuro o ar é pesado, e o calor, insuportável... músculos doem, e o frio que sinto em nada refresca, apenas gela, torna frágil, e quebra.	O calor me tomba, exausto. Gélido suor pontua a face; lágrimas escaldantes queimam a carne. Meu frio me some a voz, interna.	Quando estiver lá, você, em meu ser será, e ele já terá ido. Estará distante... vago.
Sonho...	Não há janelas. Não há saídas. Nada distingo a minha volta..	Acho que me notou! Vêm em minha direção... Ah, quando estiver lá... o vento, sem mormaço, quebrará meu gelo.	Quando estiver lá.. Páral Não faz isso! Não fecha a... porta.
Hei, espere! Aonde vai?	Mesmo que houvessem pés-de-cabra ao chão,	Reencontrarei sorrisos.	

**Rubens (01)**